

CANADÁ-QUEBEC: IDENTIDADES PROBLEMÁTICAS

Eurídice Figueiredo

A Nadia Khouri

O objetivo do presente texto é tentar dimensionar uma velha dicotomia que consiste em conceber o Canadá como uma país bicéfalo: de um lado o “Canadá”, em que se fala inglês, de outro lado o Quebec, em que se fala francês. Esse dualismo simplista se acentuou após a chamada Revolução Tranqüila em 1960 quando a identidade do canadense francês, até então representado como um povo oprimido e humilhado pelo Outro, o inglês, minoria em seu próprio país, se transforma no quebequense moderno e ativo, maioria em seu “Estado”, que detém o poder para definir os rumos de seu destino. Não mais voltado para um passado de derrotas mas projetando-se para um futuro de sucesso. Assim nas duas campanhas para os referendos de 1980 e 1995, afirmava-se a reivindicação pela soberania, para, transformando-se em Estado-Nação, se desvencilhar deste Outro incômodo, que o impede de se gerir de forma autônoma. A idéia fundadora do Quebec no discurso separatista se baseia em dados étnico-culturais, ou seja, a origem francesa. É bem verdade que há diferenças entre o primeiro referendo, francamente separatista, e o segundo, que propunha uma soberania relativa, preservando a moeda e sugerindo uma espécie de associação (**partenariat**) com o Canadá. É bem verdade também que, por detrás de discursos retóricos sobre esse traço distintivo, essa especificidade cultural do Quebec em relação ao Canadá, se escondiam

razões econômicas que Jocelyn Letorneau chama de “*affirmationnisme marchand*” (texto inédito). Entretanto, gostaria de salientar que, vistas do Brasil, certas realidades da vida política e cultural nos parecem bastante surpreendentes. Por exemplo: o recorte lingüístico não corresponde ao recorte geográfico porque **há francófonos em outras províncias**, “O Quebec e o Canadá francês constituem duas realidades socio-históricas interligadas mas que não se confundem. (...) A ambivalência da identidade canadense francesa permitiu manter durante muito tempo uma confusão acomodadora entre o referente geográfico (...) e o referente etnocultural. A Revolução Tranqüila veio abalar esse frágil equilíbrio. (HARVEY, 1995, p. 49) Os acadianos, como Antonine Maillet (do New Brunswick), têm uma história, uma literatura, em resumo, uma cultura própria e se distinguem dos quebequenses, como observa J. Yvon Thériault:

Os acadianos e as acadianas se representam como uma comunidade nacional, ou seja, como uma coletividade humana distinta, dotada de atributos de um povo histórico: história, língua, religião, consciência nacional. Através de sua ideologia nacional eles afirmam, além disso, ser uma nação distinta da do Canadá francês (e agora do Quebec). De fato, em sua representação nacional, a Acádia nunca fez parte da diáspora canadense francesa ou quebequense. É por isso, aliás, que ela viveu de modo diferente do resto da francofonia canadense a ruptura do Canadá francês no início dos anos sessenta. (THÉRIAULT, 1995, p. 67)

Justamente o Quebec não pretende congrega todos os francófonos do Canadá; ele afirma constituir uma Nação distinta na área correspondente à província do Quebec. Mas o outro elemento complicador é que **há anglófonos nascidos e criados na província do Quebec**. No entanto, como o dado que funda a idéia de nação distinta no Quebec é a língua francesa, os anglófonos que aí nasceram

não são considerados “verdadeiros” quebequenses pelos francófonos. O inglês continua a ser assimilado ao Outro que historicamente dominou os canadenses franceses. Assim J. Letourneau e J. Ruel, numa análise dos depoimentos prestados à Comissão Bélanger-Campeau em 1990, esquadrinham os planos narrativos e argumentativos desta “tomada de palavra pública” e tentam definir quem seria quebequense na opinião dos franco-quebequenses:

(...) já que a alienação do sujeito quebequense era cometida pelo inglês, não se pode impedir de deduzir que os autores consideram o inglês, enquanto figura arquetípica da opressão, ao menos (...) como não sendo quebequense. É quebequense aquele que ama o Quebec e os quebequenses. Evidentemente há autores que consideram os ingleses como membros da coletividade quebequense conquanto (...) eles aprendam a língua francesa, sem o que eles não passam de residentes munidos de direitos. Trata-se, em certo sentido, de cidadãos canadenses em processo ou não, conforme sua vontade, de se tornarem quebequenses. (LETOURNEAU & RUEL, 1994, p. 298)

Assim, apesar do mito simplista e maniqueísta dos dois povos fundadores que deram origem a um Canadá bicéfalo, creio que há um imbricamento de situações muito mais complexas em que há, além dos descendentes de ingleses e franceses, a presença dos chamados autóctones, índios e inuit, e dos imigrantes (os alófonos, que falam inglês ou francês mas cuja língua materna é outra). Procurarei analisar as interfaces desses diferentes componentes da realidade canadense a partir de três romances de caráter memorialista, em que os autores pretensamente contam suas vidas. São eles: Mordecai Richler, judeu de Montreal, autor de *Rue Saint-Urbain*, Nancy Huston, WASP de Calgary, Alberta, e Sergio Kokis, brasileiro radicado há mais de 20 anos

em Montreal. Destes três autores, o único que nasceu e foi criado no Quebec é Mordecai Richler, que escreve em inglês. Nancy Huston, também anglófona, vive há 20 anos na França. (É casada com um outro expatriado, Tzvetan Todorov.) Ganhou o prêmio do Governador Geral com *Cantique des plaines* para o melhor romance em língua francesa em 1993, o maior prêmio literário canadense, causando um misto de inveja e rejeição por parte da crítica quebequense. Sergio Kokis, que em 1995 ganhou os prêmios da Academia de Letras do Quebec, o Grande Prêmio do Livro da Cidade de Montreal, o Quebec-Paris e o prêmio Desjardins do romance no Salão do Livro de Quebec com *Le pavillon des miroirs*, ao descrever sua infância no Rio de Janeiro, se situa nos chamados “grupos étnicos”, ou seja, os imigrantes.

Os três escritores têm identidades problemáticas provocadas por um tipo de deslocamento, fruto do exílio político ou de imigração de cunho pessoal. Richler pertence à diáspora judaica, Kokis é exilado político da ditadura brasileira e Huston deixou o Canadá ainda criança, acompanhando a família. Os dois últimos escrevem em francês por opção: Huston declara falar hoje ambas as línguas “imperfetamente, com pequenos erros e um leve sotaque” (HUSTON, 1995, p. 38) e segundo depoimento oral, Kokis hesitou entre escrever em inglês ou em francês. Richler tornou-se anglófono porque as escolas canadenses tinham direção religiosa; como as escolas católicas, que ministravam o ensino em francês, não aceitavam os judeus, estes foram educados em escolas protestantes, tornando-se assim anglófonos.

Comparando os três romances, o único que se situa no Quebec e conta a sua história é *Rue Saint-Urbain*. O romance de Nancy Huston recria a conquista do oeste canadense em torno da figura do avô da narradora, Paddon, nascido em 1900, filho do imigrante irlandês John Sterling, que chega em Alberta em 1897, com a imigrante inglesa Mildred. Essa colonização anglo-saxônica é confrontada com o fato indígena através da personagem Miranda, filha de pai Blackfoot e mãe mestiça. O professor de história Paddon descobre a “outra” história de seu país através dos ensinamentos de sua amante Miranda, que lhe

conta tudo o que aconteceu com os nativos e que os livros não registram. Trata-se da história dos vencidos, só possível de ser recuperada pelas narrativas orais dos remanescentes das populações dizimadas. Ela recupera do esquecimento os fatos relativos à colonização e cristianização dos Blackfeet, à sua própria educação pelas freiras que a proibem de falar algonquin na aula, que censuram seu nome de **Etoile-Filante** (Estrela Cadente) e lhe impõem o nome de Miranda. Ela questiona a lógica ocidental que afirma que Robert Peary “descobriu” o Polo Norte, guiado por quatro esquimós. Ela conta o mito cosmogônico (a Gênese) de seu povo, o mito da caça ao bisão, da criança que tosse, em suma, ela transmite a Paddon um saber que abala suas convicções anteriores.

Embora claramente situada em Alberta, a saga da família Sterling metaforiza a conquista do Canadá pelos brancos em detrimento dos povos autóctones. A imigração recente é representada pela exilada política haitiana Clorinde, que se casa com Frankie, o filho mais velho de Paddon, e tem as gêmeas Pearl e Amber. As meninas, que incorporam os gêmeos Marassa do vodu, voltam com a mãe para o Haiti com a redemocratização. O nomadismo desses descendentes de imigrantes se cristaliza na figura do filho caçula Johnny, hippie que a narradora imagina de mochila nas costas, fumando maconha e lendo Jack Kerouac. A filha do meio, Ruthie, parte para Toronto com seu irmão Frankie, onde terá dois filhos, sem nunca se casar.

Paula, a narradora, filha de Ruthie, é escrava da promessa feita a seu avô, de escrever o livro que ele sonhara fazer toda a sua vida. É claro que ela acaba escrevendo não um livro de filosofia sobre o tempo, projeto irrealizado de seu avô, mas um romance sobre ele. A questão do tempo não deixa, porém, de estar presente já que a narrativa recria um século de colonização, com a perda das identidades originais e o aparecimento de uma identidade sobre a qual a autora é extremamente cética. Em *Pour un patriotisme de l'ambigüité* ela diz:

Todas essas culturas, todas essas línguas, uma vez misturadas e cozidas juntas no cadinho canadense, se reduziram a ...“Yahoo”! Pelo que posso julgar, essa palavra é a única e exclusiva contribuição distintiva de minha cidade à história da humanidade. (HUSTON, 1995, p. 32)

Ela considera que o Quebec, por ter tido mais tempo, acumulou tradições e é, por isso mesmo, mais interessante que o Canadá inglês:

Os quebequenses se beneficiaram daquilo que nos faz uma tremenda falta: séculos para elaborar tradições, acumular lembranças, transmitir as narrativas dos ancestrais. E o mais grave é que nosso passado talvez nunca adquira esse caráter sagrado porque nascemos e crescemos ao mesmo tempo que o rádio e o telefone, o avião e o cinema, a televisão e o computador. (HUSTON, 1995, p. 37)

J. Letourneau considera que a identidade é, antes de mais nada, “uma narrativa na qual uma comunidade comunicacional estabelece suas temáticas de união, evoca suas origens, restabelece a preeminência de seu espaço memorial e recita suas encantações” (LETOURNEAU, 1995, p. 13). O Quebec teria esta grande narrativa coletiva que descreve a relação dos quebequenses com seu passado, enquanto ‘a ausência dessa grande narrativa (ou seu fracionamento em várias pequenas narrativas) concorre para a crise de legitimidade e unidade do Estado canadense.”(Ibidem, p. 10)

A opção de Nancy Huston pelo francês viria provavelmente do fato biográfico de que a autora vive em francês, mas também do dado ideológico que a leva a “adotar” o Quebec. Ela tem uma visão muito crítica do Canadá, país que deixou em 1968 e que ela olha a partir de sua experiência européia. As carências apontadas por ela no Canadá correspondem justamente a essa ausência de grande narrativa, espécie de formação discursiva que incorpora a história da Nação.

Já Sergio Kokis em *Le pavillon des miroirs* descreve com nostalgia e amargura o Brasil de sua infância pobre, país que o “expulsou” e que ele se recusa a visitar, com medo de, olhando para trás, tornar-se uma “estátua de sal” (KOKIS, 1995, p. 301). Estrangeiro, eterno exilado, vê com desprezo as preocupações burguesas e as visões preconceituosas e estereotipadas das pessoas de um país rico, embora demonstre um certo respeito pelo país tolerante que o acolheu nos anos 70. As representações míticas que fundam a idéia de nação no Quebec não escapam à sua ironia cortante e algo desconcertante, considerando que o quebequense é o seu leitor potencial.

O que me atraía aqui no início era uma tradição de pioneiros, de homens errantes, caçadores e lenhadores, sem laços que os prendessem, festeiros e despreocupados. (...) Em vinte e cinco anos não encontrei vestígio desse espírito selvagem (...). Eles se apegam a uma língua que desprezam, ao passado e às derrotas, como eu aos cadáveres de minha infância. (KOKIS, 1995, p. 304)

O estrangeiro veste diferentes máscaras e passa despercebido. Seu olhar só encontrará o olhar de outros estrangeiros, “os imigrantes por dentro, os exilados em seu próprio país, aqueles que não confundiram a viagem com o espaço, como eu, a solidão com a diferença de fuso horário. Eles se escondem em casa, talvez mais enojados com seus compatriotas sem graça que qualquer estrangeiro.” (KOKIS, 1995, p. 306)

Confrontando as experiências descritas nos três romances em questão, vemos identidades fraturadas, divididas, num Canadá que se pretende multicultural, palavra fetiche que tenta escamotear os problemas identitários de tantas etnias em conflito. Em Nancy Huston a presença do Quebec se faz só pelo fato de a narradora morar em Montreal, o que explicaria que a voz narrativa se exprima em francês. Em Sergio Kokis o presente no Quebec serve de contraponto ao passado

no Brasil, alternando de forma constante os capítulos de lá e de cá. Em Mordecai Richler a história se passa em Montreal. A infância de judeu pobre de Mordecai Richler, que vivia na rue Saint-Urbain durante os anos 40, não difere muito da do quebequense **pure laine** Michel Tremblay na rue Fabre, descrita nos romances que compõem as *Chroniques du Plateau Mont-Royal*. O filho do imigrante judeu, que falava mal o inglês, terá tanta dificuldade na escola quanto o garoto que falava **joual** em casa. Se o **joual**, além da pronúncia deformada do francês, mesclava inúmeros anglicismos, o inglês dos judeus misturava termos hebraicos e ídiches. Apesar da falta de comunicação entre os judeus e os canadenses franceses, os verdadeiros inimigos eram os WASPS (**white anglo-saxon protestants**), os verdadeiros donos do país. Como Tremblay, Richler mostra que os territórios eram muito bem delimitados:

La **Main**, rua dos pobres, era também uma rua de demarcação. Abaixo, a leste, os canadenses franceses. No alto, a uma certa distância, os temidos WASPS (...). Na própria **Main** havia os italianos, os iugoslavos e os ucranianos, mas eles não eram considerados como verdadeiros góis. Mesmo os canadenses franceses, nossos inimigos, nós não os detestávamos à morte. Como nós, eram pobres e comuns, tinham famílias numerosas e falavam mal inglês. (RICHLER, 1969, p. 89)

Apesar de igualmente pobres, há algumas diferenças entre as comunidades de judeus e dos canadenses franceses: estes, extremamente conservadores, elegiam sempre políticos de direita enquanto que os judeus, ucranianos, poloneses e húngaros votavam para os comunistas, o que causava grande escândalo. Os imigrantes vindos da Europa Central, que se instalaram em torno do Boulevard Saint Laurent, mais conhecido como **La Main** (apesar do artigo **la** que indicia um termo francês, o sentido é inglês pois designava a rua

principal), tinham uma tradição socialista enquanto os canadenses franceses, dominados até então pela igreja católica, eram tradicionalistas e provincianos. A política quebequense era dominada pela **Union Nationale**, criada por Maurice Duplessis, que foi Primeiro-Ministro provincial de 1936 a 1939 e de 1944 a 1959. Esse político autocrático aparece na obra de Richler numa piada de judeus, que o autor diz citar do **Time**:

Hartt maneja sua língua como um chicote, o que é sua principal arma eleitoral. Um dia ele discutiu com o primeiro ministro Duplessis e este, lívido de raiva, virou-se para o chefe da oposição Adélar Godbout e disse: “Você não teria um outro judeu para ser seu porta-voz?” Hartt se levantou como uma mola, mostrou o crucifixo atrás da poltrona do presidente dos debates e respondeu: “Há um, sim. Sua imagem lhe fala há dois mil anos mas o senhor ainda não ouviu sua mensagem.” (RICHLER, 1969, p. 20)

Duplessis e Godbout são no romance de Michel Tremblay gato e cachorro: Godbout, o cachorro, mata o gato Duplessis, que, entretanto, continua vivendo na mente sonhadora (louca?) do menino Marcel. Seria o gato-zumbi uma paródia do político que se recusava a morrer, comandando uma política obscurantista e autoritária?

As diferenças políticas e ideológicas entre canadenses franceses e judeus se manifestavam também na educação dos filhos: estes estavam muito voltados para os estudos e as artes, formas valorizadas de ascensão social, enquanto que aqueles se contentavam com trabalhos braçais. O romance de Mordecai Richler se abre com o desejo de todas as mães judias de que seus filhos se tornassem instruídos e, de preferência, médicos:

Nossas mães liam para nós artigos da *Life* sobre rapazes de quatorze anos, cheios de espinhas e com os olhos fracos que

havam conseguido um diploma de Harvard ou desconcertado os professores do Massachusetts Institute of Technology com o seu saber. Ler histórias em quadrinhos ou ouvir *The Green Hornet* no rádio, isso podia nos render um tapa na cabeça, administrado às vezes com um exemplar enrolado do *Canadian Jewish Eagle*, como se isso pudesse alimentar o cérebro. Também não devíamos decorar as médias dos jogadores de beisebol e muito menos as canções obscenas que se repetem entre amigos. Devíamos aumentar nosso potencial verbal lendo os condensados do *Reader's Digest* e exaltar nosso ideal graças às biografias de médicos escritas por Paul de Kruiff. (RICHLER, 1969, p. 10)

Esses ideais de educação denotam também o nível cultural que tinham os judeus que vieram da Europa Central e se instalaram na América. Basta lembrar os grandes compositores judeus que praticamente inventaram a música americana como George Gershwin (cuja *Summertime* aparece citada em vários romances), Jerome Kern, Harold Arlen, Irving Berlin, Oscar Hammerstein, para só citar os maiores. O avô do narrador era um **Zaddick**, um estudioso do Talmud, que havia publicado vários livros em Varsóvia e, mais tarde, em Nova York. Os canadenses franceses, ao contrário, haviam migrado para a cidade recentemente. Incultos, haviam passado dois séculos sob os tentáculos da igreja, majoritariamente no campo, resistindo à dominação britânica. Sua principal arma para se defender da situação de povo minoritário foi a procriação. Sem maiores qualificações, só lhes restavam as profissões manuais. Assim, Albertine, a personagem de Michel Tremblay, fica horrorizada diante da possibilidade de seu filho Marcel se tornar pianista. Um artista na família, que catástrofe! O próprio Tremblay sofreu esse tipo de pressão por parte de seu grupo social. O estatuto inferior dos canadenses franceses descrito por Richler vem das profissões por eles executadas:

Os **pea soups** só eram bons para fazer a manutenção, limpar os acendedores, raspar as lareiras, dirigir um elevador. Dizia-se que eram ameaçados de tuberculose, raquitismo e sífilis. As velhas lavavam as vidraças e enceravam o chão; as jovens tornavam-se domésticas nas casas ricas de Outremont, trabalhavam em fábricas e iam para a cama com os homens quando aparecia uma oportunidade. Os canadenses franceses eram nossos **schwartzes**. (RICHLER, 1969, p. 42)

Apesar de preconceituoso e até cruel, esse retrato da comunidade de canadenses franceses durante os anos 40 não chega a ser inexata. J. Letourneau considera que “existe na comunidade canadense francesa na época que precede a Revolução Tranqüila uma disfunção entre o ente (**étant**) desta sociedade (a vida relacional que se desenvolve em seu seio) e a consciência histórica de seu ser (suas representações coletivas, seu imaginário e seu legendário que se encarnam em instituições), ou seja, a comunidade canadense francesa é um corpo errante à procura de seu espírito” (LETOURNEAU, 1992, p. 56). A Revolução Tranqüila “consagra a reconciliação da comunidade com sua consciência histórica (...) e o ano de 1960, data fundadora e sagrada, marca o início da construção de uma comunidade moderna que se dota de um Estado figura de identidade coletiva.” (Ibidem, p. 56)

Por outro lado, os judeus também sofriam, vítimas do antissemitismo, moeda corrente nos anos que precedem e durante a guerra, como descreve Nancy Huston:

Havia grandes tempestades no horizonte apesar das declarações tranquilizadoras de Mackenzie King, em sua volta da Alemanha no ano anterior, segundo as quais Hitler só tinha intenções pacíficas e o Canadá, já com excesso de população com um habitante por metro quadrado, não tinha necessidade de abrir suas portas para todos esses judeus

certamente pobres e provavelmente comunistas e de qualquer modo judeus, que pediam asilo a torto e a direito, sobretudo se se pensasse no número crescente de canadenses desempregados. (HUSTON, 1993, p. 230)

Por isso as querelas internas entre os WASPS e os **pea-soups** (designação pejorativa dada aos canadenses franceses) não interessavam aos judeus, ou, quem sabe, podiam até ser-lhes úteis:

Estávamos convencidos de que só podíamos nos beneficiar de uma dissensão entre as duas culturas do Canadá, a inglesa e a francesa, e não procurávamos modelo nem na Inglaterra nem na França. Nós nos voltávamos para os Estados Unidos, a verdadeira América. (RICHLER, 1969, p. 94)

Apesar das diferenças, o mundo das crianças pobres se assemelha em toda parte nesses anos 40 que correm: na Montreal de Mordecai Richler, Michel Tremblay e Gabrielle Roy, na Calgary de Nancy Huston e até mesmo no Rio de Janeiro de Sergio Kokis. As mães ouviam novelas radiofônicas (**soap operas**) patrocinadas por marcas de sabão enquanto os pais discutiam política nos bares e as crianças, sempre em bando, descobriam o sexo, liam gibi, se encantavam com os sucessos esportivos e se deslumbravam com as estrelas de Hollywood. Era o início da indústria cultural, pois o cinema difundia os mesmos sucessos musicais (*Besame mucho*, *In the mood*, *Tico-Tico*), ditava a moda (que as atrizes locais procuravam copiar) e sobretudo o mesmo padrão de comportamento. Os países periféricos como o Canadá e o Brasil começavam a se moldar às novidades vindas dos Estados Unidos, abandonando as antigas metrópoles. No romance de Tremblay esse conflito é representado por dois campos opostos: Edouard defende a música francesa enquanto La Vaillancourt prefere a americana. Entretanto, apesar das brigas espetaculares (eram sempre públicas, no **Palace**) todos imitam indiferentemente “Ginger Rogers, May West,

Jeannette MacDonald, Suzy Delair, Edith Piaf". (TREMBLAY, 1992a, p. 93)

Para concluir, podemos dizer que as vozes mais esclarecidas do Quebec postulam uma sociedade "poliétnica, pluricomunitária e multinacional" (LAFOREST, 1995, p. 326) ao contrário dos nacionalistas etnocentros que vêem o Quebec como uma sociedade monocultural. Assim, consideramos que dos três romances aqui estudados, *Rue Saint Urbain*, embora escrito em inglês, é o mais quebequense de todos porque seu autor, Mordecai Richler, nascido e criado em Montreal, descreve o universo de sua infância: o de um gueto de judeus pobres, tentando se enraizar no novo país e falar sua língua. O narrador, alter ego do autor, sempre reivindica uma identidade canadense apesar dos esforços de endoutrinamento na escola por professores judeus. Ele nunca busca uma identidade quebequense até porque na época não existia consciência nacional quebequense. O que fica claro é que as histórias e as identidades do Quebec e do Canadá estão tão entrelaçadas que é difícil separar uma história da outra.

Nancy Huston, apesar de ter escrito um romance em francês, com uma narradora falando a partir de Montreal, escreve um romance memorial canadense, recuperando os elementos fundadores da conquista do oeste pelos anglo-saxões. Traçando um século de história, ela mostra as diferentes etapas da formação nacional do Canadá.

E finalmente Sergio Kokis, o estrangeiro que se fixou em Montreal e adotou o francês para se exprimir, depois de ter passado pela experiência de pintor, pertence à literatura quebequense na medida em que os grupos étnicos fazem parte dessa literatura (assim como fazem parte da literatura canadense, quando escrevem em inglês). É bem verdade que a recepção de Sergio Kokis sofre o mesmo olhar redutor e estereotipado que a literatura brasileira recebe da crítica européia e americana. A imagem exótica e exuberante do Brasil, para a qual Jorge Amado muito contribuiu, é um fardo que teremos de carregar por algum tempo, pois nada parece mudar. Para citar um pequeno exemplo: a resenha crítica feita de seus dois livros (o mais

recente, *Negão et Doralice*, foi lançado em setembro de 1995) por Francine Bordeleau leva o título de “Sergio Kokis: le carnaval des morts” e diz, entre outras coisas:

O Brasil descrito (...) é exuberante, luxuriante, abjeto. Esse excesso que parece caracterizar a cultura brasileira, uma cultura de contrastes em que coexistem esplendor e miséria extremos, catolicismo e cultos animistas, conservadorismo e erotismo exacerbado, é magnificamente mostrado pela prosa de Kokis. As imagens são poderosas, a escrita ardente e certas passagens, paroxísticas, atingem uma espécie de furor. Kokis não é um morno. (BORDELEAU, 1995, p. 10)

Nem o Quebec fala só francês nem o Canadá só inglês: ambos formam sociedades multiculturais e o desafio que enfrentam é o de respeitar as diferenças e continuar sendo um país democrático sem se fragmentar.

Notas

- 1 Todos os extratos citados foram traduzidos por mim.
- 2 As traduções do romance *Rue Saint-Urbain* foram feitas a partir da versão francesa do livro, cuja edição, aliás, está esgotada.

Bibliografia

- BORDELEAU, Francine. Sergio Kokis: le carnaval des mots. IN: *Lettres québécoises*. no. 80, hiver 1995.
- HARVEY, Fernand. Le Québec et le Canada français: histoire d'une déchirure. In: LANGLOIS, Simon (dir.) *Identité et cultures nationales. L'Amérique française en mutation*. Québec. Les Presses de l'Université Laval. 1995.
- HUSTON, Nancy. *Cantique des plaines*. Babel. 1993.

- _____. *Pour un patriotisme de l'ambiguïté*. Notes autour d'un voyage aux sources. Montréal, Fides/CETUQ, 1995.
- KOKIS, Sergio. *Le pavillon des miroirs*. Montréal, XYZ, 1995.
- LAFOREST, Guy. Identité et pluralisme libéral au Québec. In: LANGLOIS, Simon (dir.). *Identité et cultures nationales*. L'Amérique française en mutation, Québec. Les Presses de l'Université Laval, 1995.
- LETOURNEAU, Jocelyn. La mise en intrigue. Configuration historico-linguistique d'une grève célébrée: Asbestos, P.Q., 1949. IN: *Le Langage, l'histoire et l'idéalisation des faits. Language, History and the "Romance of fact"* Recherches sémiotiques/Semiotic Inquiry. vol. 12 (1992) no. 1-2.
- _____. La production historique courante portant sur le Québec et ses rapports avec la construction des figures identitaires d'une communauté communicationnelle. IN: *Recherches sociographiques*. vol. 36, no. 1. janvier-avril 1995.
- LETOURNEAU, Jocelyn & RUEL, Jacinthe. Nous autres les Québécois. Topiques du discours franco-québécois sur Soi et sur l'Autre dans les mémoires déposés devant la Commission Bélanger-Campeau. IN: FALL, K., SIMEONI, D. & VIGNAUX, D. (dir.) *Mots représentations*. Enjeux dans les contacts interethniques et interculturels. Les Presses de l'Université d'Ottawa, 1994.
- RICHLER, Mordecai. *Rue Saint-Urbain*. Trad. de René Chicoine. Montréal, Ed. HMH, 1969.
- ROY, Gabrielle. *Bonheur d'occasion*. Montréal. Boréal, 1993.
- THERIAULT, J. Yvon. Naissance, déploiement et crise de l'idéologie nationale acadienne. In: LANGLOIS, Simon. (dir.) *Identité et cultures nationales*. L'Amérique française en mutation. Québec, Les Presses de l'Université Laval, 1995.
- TREMBLAY, Michel. *La grosse femme d'à côté est enceinte*. B. Q. 1990.
- _____. *Thérèse et Pierrette vont à l'école des Saints-Anges*. B. Q. 1991.
- _____. *La duchesse et le roturier*. B. Q. 1992.a
- _____. *Des nouvelles d'Edouard*. B. Q. 1991.
- _____. *Premier quartier de la lune*. B. Q. 1992.b.